

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA
ESPECIALIZAÇÃO *LATO-SENSU* EM GESTÃO EDUCACIONAL**

**PROFESSOR: ASSUMINDO DESAFIOS PARA UMA
NOVA ESCOLA**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL

Beatriz Salete Cescon Potrich

Constantina, RS, Brasil

2009

PROFESSOR: ASSUMINDO DESAFIOS PARA UMA NOVA ESCOLA

Por

Beatriz Salete Cescon Potrich

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação a Distância Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de

Especialista em Gestão Educacional

Orientador: Prof^ª. Maria Alcione Munhoz

Constantina, RS, Brasil

2009

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional
)**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Especialização

PROFESSOR: ASSUMINDO DESAFIOS PARA UMA NOVA ESCOLA

elaborada por

Beatriz Salete Cescon Potrich

como requisito parcial para obtenção do título de

Especialista em Gestão Educacional

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof^a. Maria Alcone Munhoz

(Presidente/Orientador)

Prof^o. João Ourique

Prof^a. Andréa Tonini

Constantina, 08 de agosto de 2009.

RESUMO

Monografia de Especialização
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional

Universidade Federal de Santa Maria

PROFESSOR: ASSUMINDO DESAFIOS PARA UMA NOVA ESCOLA

AUTORA: **Beatriz Salette Cescon Potrich**

ORIENTADOR: **Prof^a. Maria Alcione Munhoz**

Data e Local da Defesa: Constantina/RS, 08 de agosto de 2009.

O presente projeto visa desenvolver uma pesquisa básica sobre profissionais da educação, visto que a escola pública atravessa um período áureo de sua história: avanços na tecnologia, professores qualificados, laboratórios, políticas públicas voltadas para a educação, eleição para diretores etc. Mesmo com tudo isso, um brilho opaco ainda não encanta quem está por dentro desse processo. Muita coisa precisa ser feita. Enfatizamos também as relações afetivas em sala de aula e colocamos este relacionamento como um desafio para o educador pós-moderno, devendo este agir de forma que expresse o seu interesse pelo crescimento dos alunos, e assim respeitando suas individualidades, criando um ambiente mais agradável e propício para a aprendizagem. O relacionamento entre professor e aluno deve ser de amizade, de troca de solidariedade, de respeito mútuo, enfim, não se concebe desenvolver qualquer tipo de aprendizagem, em um ambiente hostil. Mas não devemos esquecer que o respeito que a criança tem pelo adulto é unilateral, dando origem a dois sentimentos distintos: afeto e o medo; mas simultaneamente percebidos pela criança quando envolvidas em situações resultantes das suas desobediências. É da existência desses dois sentimentos que surge o respeito unilateral. Por isso, se houver afetividade há possibilidade de pôr em prática o respeito mútuo, tão necessário para o desenvolvimento das relações pessoais em qualquer que seja o meio humano e, através dele, a aprendizagem flui com mais facilidade. A escola hoje, mais do que em qualquer outro tempo, é um espaço onde se constroem relações humanas. Portanto, é de fundamental importância trabalhar não só conteúdos, mas também as relações afetivas. A interação entre ambos é ainda importante para a adaptação do aluno ao processo escolar. O bom relacionamento do professor com o aluno se desenvolve na busca pelo desejo que o indivíduo tem de conhecer a si próprio, de encontrar uma definição para sua vida. É a mola propulsora do desenvolvimento intelectual. Querer saber, ter desejo de aprender, são condições primeiras para que a criança possa de fato adquirir conhecimentos. Portanto fica evidente a importância que tem para nós, educadores, o conhecimento da afetividade, quer seja através das emoções, da força motora das ações ou do desejo e da transferência, para o melhor desenvolvimento da aprendizagem do aluno e, conseqüentemente, para uma melhor relação entre este e o professor. A escola, portanto, deve voltar-se para a qualidade das suas relações, valorizando o desenvolvimento afetivo, social e não apenas cognitivos como elementos fundamentais no desenvolvimento da criança como um todo.

PALAVRAS-CHAVES : Aluno. Professor. Escola. Relacionamento.

ABSTRACT

Monografia de Especialização
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* em Gestão Educacional
Universidade Federal de Santa Maria

TEACHER: ASSUMED CHALLENGES OF A NEW SCHOOL SUMMARY (Fonte Arial 14)

AUTHOR: Beatriz Salete Cescon Potrich

ADVISER Prof^a. Maria Alcione Munhoz

Data e Local da Defesa: Constantina /RS, 08 de agosto de 2009.

This project aims to develop a basic research on professional education since the school through a golden period in its history: advances in technology, qualified teachers, laboratories, public policies for education, election for directors etc.. Even with all this, an bright opaque not love those who are inside that process. Much needs to be done. We emphasize also the emotional relationships in the classroom and put this relationship as a challenge to the educator post-modern, and this should act in a way that expresses your interest in the growth of students, thus respecting their individuality, creating a more pleasant and conducive to learning. The relationship between teacher and student must be of friendship, exchange of solidarity, mutual respect, finally, is conceived not develop any type of learning, in a hostile environment. But we must not forget that the respect that a child has the adult is unilateral, giving rise to two distinct feelings: love and fear, but also perceived by the child when involved in situations resulting from their disobedience. It is the existence of these feelings is that the unilateral respect. Therefore, if there is affection in practice mutual respect, so necessary for the development of personal relationships in whatever way the human and, through it, learning flows more easily. The school today, more than any other time, is a place where human relationships are built. Therefore, work is of fundamental importance not only content but also the emotional relationships. The interaction between them is also important for the adaptation process to the student at school. The good professor's relationship with the student develops in search for hope that the individual has to know himself, to find a definition for their lives. It is the springboard for the development rights. Want to know, have a desire to learn, are the first that the child can actually learn. So it is clear the importance it has for us, educators, knowledge of the affection, whether through the emotions, the driving force of the shares or the desire and the transfer to the better development of student learning and, consequently, to better relationship between this and the teacher. The school must therefore turn to the quality of their relations, enhancing the affective development, social and not just as cognitive

TEACHER: ASSUMED CHALLENGES OF A NEW SCHOOL SUMMARY

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	08
1.1 Objetivos	08
1.1.1ObjetivoGeral.....	08
1 . 1 . 2 O b j e t i v o s Específicos.....	08
2 REFERENCIAL TEÓRICO	08
2.1 Uma Escola nova com funções ampliadas.....	08
2.2 A escola e a crise dos ideais da modernidade.....	10
2.3 Uma escola comprometida com a cidadania.....	12
2.4 Escola, um ambiente de constantes mudanças.....	14
2.5 O papel da escola na formação do auto-conceito.....	15
2.6 A relação professor/aluno e ensino e aprendizagem.....	19
2.7 Professor: agente da função social da escola.....	23
2.8 Professor:gestor em seu momento.....	26
2.9 Educação continuada como meio de enfrentar desafios.....	31
2.10 O professor e as novas tecnologias.....	32
3 METODOLOGIA	33
3 . 1 Delineamento.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37

1 . INTRODUÇÃO

A relação professor/aluno representa um esforço a mais na busca da praticidade, afetividade e eficiência no preparo do educando para a vida, numa redefinição do processo ensino-aprendizagem. Cada profissional deve ter claramente definido o seu papel nesse contexto social, onde esta relação aqui considerada passa a ser alvo de pesquisas, na busca do diálogo, do livre debate de idéias, da interação social e da diminuição da importância do trabalho individualizado. A maioria dos regimentos de nossa escola fala da importância de um profissional engajado em ajudar a descobrir a vocação de nossos alunos, bem como, alguém que com empenho e dedicação enfrente e saiba como gerenciar políticas públicas para que a “educação de qualidade”, tão almejada, tenha realmente qualidade.

A interação professor/aluno ultrapassa os limites profissionais, escolares, do ano letivo e de semestres. É, na verdade, uma relação que deixa marcas, e que deve sempre buscar a afetividade e o diálogo como forma de construção do espaço escolar. Ser professor não constitui uma tarefa simples, ao contrário, é uma tarefa que requer amor e habilidade. O educador não é simplesmente aquele que transmite um tipo de saber para seus alunos, como um simples repassador de conhecimentos. O papel do educador é bem mais amplo, ultrapassando esta mera

transmissão de conhecimentos. No sistema escolar, o professor deve tornar seu saber pedagógico uma alavanca desencadeadora de mudanças, não somente ao nível da escola que é parte integrante, mas também ao nível do sistema social, econômico e político.

O professor deverá ser uma fonte inesgotável de conhecimentos no cotidiano de sala de aula, retirar dos elementos teóricos que permitam a compreensão e um direcionamento a uma ação consciente. Também deve procurar superar as deficiências encontradas e recuperar o real significado do seu papel como professor, no sentido de apropriar-se de um fazer e de um saber fazer adequados ao momento que vive a escola atual. A importância desta pesquisa permitirá o acesso melhor ao conhecimento sobre a relação professor-aluno, o que auxiliará não só na discussão sobre o problema, mas para apontar as posturas existentes, implementando novos comportamentos e ações no que diz respeito aos pressupostos de sustentação, nas escolas, no que se refere aos avanços em que a escola pública está atravessando.

1.1. OBJETIVO GERAL

Investigar e entender os constantes desafios que o professor enfrenta na escola, compreendendo melhor como ele deve atuar nesta nova realidade de constantes transformações do conhecimento e da sociedade globalizada.

1.1.2 OBJETIVOS EXPECÍFICOS

Identificar e refletir sobre as possíveis relações existentes entre educadores e educando a fim de contribuir para o processo ensino aprendizagem;

Refletir sobre a importância do papel do professor no relacionamento escolar;

Analisar os rumos assumidos pelos educadores-gestores coordenadores em busca de uma nova escola frente a realidade que a sociedade nos apresenta.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Uma escola nova, com funções ampliadas.

Nas leis brasileiras surge a tendência ao aumento do tempo e das responsabilidades da escola. Em meio às dificuldades os professores se dão conta de suas responsabilidades como educadores, percebem-se despreparados e coagidos a mostrarem resultados positivos para sociedade, bem como as escolas, para cumprirem as novas tarefas. Na vida familiar, a disseminação e a necessidade do trabalho feminino, as flutuações matrimoniais, a rapidez das mudanças nos costumes e nos valores trazem maiores dificuldades ao exercício do papel educativo; no caso de famílias de classes economicamente desfavorecidas, a justaposição das condições de miséria e desinformação às anteriormente citadas aumenta ainda mais as necessidades e as expectativas dessas classes em relação as tarefas da escola. Por tudo isso, além da instrução básica convencional, outros campos de atuação vão se fazendo presentes no universo das escolas públicas e privadas.

A escola para exercer a sua função social precisa ter uma participação ativa e constante na vida do bairro ou da cidade onde se encontra. A escola precisa estampar uma imagem positiva para justificar sua existência no lugar que se encontra. Neste modelo tem-se reforçado sua função nas tarefas social, cultural e comunitária, de forma que a instrução escolar aparece diretamente associada à formação da cidadania, à expansão do convívio social, aos esportes, as artes, ao lazer e a saúde. A educação familiar, por exemplo, em sua profunda e primordial atuação, esta sempre limitada as particularidades de cada família e as injunções afetivas em seu interior. Além disso, as transformações em curso nos padrões vigentes de organização familiar parecem enfraquecer sua capacidade de ação educativa. A educação comunitária, não sistemática – que em alguns momentos da história foi tão eficaz – com a destruição dos espaços de convivência e o anonimato

e individualismo das grandes cidades aparece em fraca decadência; já a ação educativa dos meios de comunicação de massa, hoje tão fortalecida não atendendo aos interesses da democracia e, muito menos, da emancipação humana encontrasse em fraco processo.

Pensar um novo formato de escola é sempre um trabalho de imaginação pedagógica e sociológica. Mesmo que inspiradas em experiências concretas, tal reflexão é um exercício de criatividade e extrapolação.

Visto assim, tal exercício pode nos orientar politicamente, mas não tem um caráter prescritivo; pode contribuir para a elaboração histórica e coletiva de um modelo de escola estrategicamente favorável à educação para a democracia e para a emancipação. Ademais, se a escola é sempre fruto das políticas educacionais adotadas, tais políticas, por sua vez, não deixam de ser o fruto das concepções que se estabelecem através do diálogo entre teoria e prática e também entre imaginação e realidade.

O que a experiência brasileira tem exigido com relação à ampliação das funções da escola têm proposto uma maior participação na escola da vida de seus alunos, famílias e comunidades.

Essa associação de instrução escolar com um conjunto mais amplo – ainda que relativamente programado – de experiências socioculturais traz inúmeras conseqüências e pode levar à modificações curriculares de grande profundidade e, em última instância, à reconceptualização da educação escolar. Muitas regiões possuem um calendário e até mesmo uma grade curricular individual, de acordo com suas características. Suas ações são totalmente individuais e não podem servir de parâmetro a se seguir. A primeira e mais evidente questão que emerge de um modelo de escola com funções ampliadas, diz respeito às possibilidades democráticas de sua gestão.

Uma instituição multidimensional que atue integradamente em aspectos da vida dos alunos relacionados ao seu bem estar físico – saúde, alimentação, higiene, – ao seu desenvolvimento como ser social e cultural e à sua capacitação como ser político, precisa ser organizada de tal forma que os aspectos reguladores e repressivos, inerentes à ordem institucional, sejam suprimidos pela riqueza das experiências democráticas ali vivenciadas. Na escola as coisas acontecem porque a comunidade decidiu que elas acontecessem. Uma escola que esteja efetivamente

aberta à participação da família e da comunidade. Mas, ainda assim, fica a pergunta: tal escola, mesmo que democraticamente organizada não concentraria excessivamente a experiência educativa em uma só instituição?

A formação das novas gerações é fruto de complexas ações, intencionais ou não, localizadas em práticas ou em instituições sociais, das mais fragilizadas; como hoje nos parecem a família e as organizações comunitárias, e, no caso brasileiro, a própria escola, às mais fortalecidas como os atuais meios de comunicação.

Entretanto, o reconhecimento de que sempre existem múltiplas fontes educacionais, e que isso é inevitável, necessário e enriquecedor, não impede que se distinga a educação escolar como sendo aquela, que entre todas, reúne hoje, as melhores condições de abrigar ações intencionais com vistas à formação de uma condição emancipada. Mas o fato de que a escola, aqui também vista em sua dimensão de fenômeno histórico de longa duração, permanecer sendo, a despeito de tudo, uma experiência coletiva universal inter-pessoal, não direta, e com razoável margem de ação autônoma, já lhe garante um lugar fundamental nos processos políticos contemporâneos que apontam para o desenvolvimento democrático.

2.2 A escola e a crise dos ideais da modernidade

Não há como negar ter sido até aqui a escola, simbolicamente, a depositária privilegiada desta visão que tem na ciência e no trabalho, ou seja, na dominação humana sobre a natureza, o referencial, por excelência da própria humanidade.

A educação escolar incorpora os elementos mais significativos do projeto da modernidade, tanto aqueles aparentemente cumpridos – como o conhecimento a serviço do bem estar humano, quanto os antiquados - como a pretensão de homogeneização cultural a partir de uma visão etnocêntrica. Por outro lado, a educação escolar oferece imensas possibilidades de uma atuação deliberada, pois é em si mesmo, um exemplo de planejamento e racionalização de ações.

Segundo Arroyo (1995), vemos então que, a educação moderna vai se configurando nos confrontos sociais e políticos, ora como um dos instrumentos de conquista da liberdade, da participação e da cidadania, ora como um dos mecanismos para controlar e dosar os graus de liberdade, de civilização, de

racionalidade e submissão suportáveis pelas novas formas de produção industrial e pelas novas relações sociais entre os homens.

(...) o que importa ressaltar é que a relação entre educação e construção de uma nova ordem política não é invenção de educadores ou políticos, mas trata-se de uma relação que faz parte de um movimento maior de interpretação dos processos de constituição das sociedades modernas. (p.36).

Está a nossa volta e em nosso coração um dos maiores fracassos da modernidade; a igualdade de oportunidades. Além do mais, tem encarnado o desvinculamento entre o saber e o uso que dele se pode fazer, ou seja, entre conhecimento e vida.

Uma escola com funções ampliadas não deixa de carregar os elementos contraditórios constitutivos dessa tradição. Mas a nosso ver, pode ainda conter algo mais: esclarecidos os nossos objetivos, e as formas que assumirão suas práticas. Também pode conter elementos críticos a essa mesma tradição. Ou seja, também pode vir a compor um conjunto de ações sociais que levam à superação dos aspectos da experiência da modernidade hoje vulneráveis a uma teoria crítica radical.

2.3 Uma escola comprometida com a cidadania

“Os problemas pelos quais passam os sistemas de ensino no país são grandes, mas há muitas possibilidades de se quebrarem paradigmas e de se construir um outro conceito de educação, de forma a assegurar, por meio de ações simples, resultados concretos e positivos. São pequenos gestos que provocam as mudanças, e a intervenção de cada um de nos, mesmo que numa tímida esfera de atuação, produz resultados alentadores.” (Chalita 2004, p. 67)

No Brasil, muitos avanços ocorreram, mas ainda a muito a ser feito para que a escola pública torne-se uma instituição chave na construção de uma sociedade mais justa e integrada. A cidadania só é exercida plenamente quando as pessoas possuem competências básicas que, na sociedade da informação em que vivemos, vão muito além da alfabetização. Uma das funções da escola pública é difundir valores cívicos e democráticos. A escola plural é a única capaz de formar cidadãos preparados para uma sociedade marcada pela diversidade. Outra função da escola pública democrática é a inclusão social. As inovações tecnológicas que marcaram o último quarto do século XX provocaram profundas mudanças no mercado de trabalho. Ainda vale lembrar que à escola pública cabe proporcionar um espaço de vivência da democracia. Ao garantir à pluralidade a escola pública cria um ambiente privilegiado para que os valores democráticos sejam compartilhados. Portanto, a gestão participativa da escola pública deve ser parte do projeto pedagógico, propiciando aos atores envolvidos – aluno, pais, professores – oportunidade de exercer uma cidadania ativa e responsável. Para que a escola pública exerça essas funções, é preciso que ela se torne uma instituição cada vez mais democrática.

Como afirma Oliveira (1999,p.11): “de nada adianta o discurso competente se ação pedagógica é impermeável a mudanças”.

A escola é o grande espaço de socialização. É onde nos preparamos para viver civilizadamente, integrados a uma sociedade. Para isso, ela deve também ser um espaço lúdico e prazeroso, além de, certamente, dar competência técnica, o conhecimento, e também competência política, no sentido de formar cidadania.

A melhor maneira para seguir este caminho é a escola democrática, mais aberta às comunidades, inclusive dando-lhes voz nas decisões mais importantes no desenvolvimento de seus filhos. A escola tem que ter consciência crítica tem que estar preparada para os novos tempos. Essa interatividade pode ser as chaves para se obter melhores resultados em qualquer nível de ensino.

Uma escola democrática tem mais chance de acertar se está em sintonia com as demandas da população. Dar voz, ouvir, criticar e debater diante de um orçamento, são os pilares dessa convivência escola-comunidade e nossa grande esperança na formação de melhores e talentosos líderes políticos e comunitários.

Assim, a escola também tem que estar preparada, para formar consciência política, além do fundamental conhecimento e lazer lúdico. A escola é tão fundamental para uma criança, que seus valores são carregados pela vida inteira.

Nossa missão para as gerações futuras é dar à escola mais qualidade e sintonia com sua gente. É uma violência, mais uma forma em que ela se apresenta, não ouvir, não deixar sugerir, não deixar criticar. As grandes mudanças em educação vêm partindo das redes públicas de ensino do país, principalmente nessa última década.

Ao se pautar pela participação das comunidades, a escola reflete da população os seus anseios. Hoje não se pode pensar em escola voltada apenas para a competência técnica. É necessária uma consciência mais crítica sobre o mundo em que vivemos no início do Terceiro Milênio.

Uma Escola autônoma é aquela que se assume como um centro de direitos e de deveres. O que a caracteriza é a formação para a cidadania. É a escola que viabiliza a cidadania de quem está nela e de quem vem a ela. Ela não pode ser uma escola cidadã em si e para si. Ela é cidadã na medida em que a mesma se exercita na construção da cidadania de quem usa o seu espaço. Porém sabe-se que para se colocar tudo isso em prática, faz-se necessário enfrentar inúmeras dificuldades. Dentre elas esta uma delas, talvez a mais crucial, seja a distância que separa as realidades de um e outro. Conhecer o mundo do aluno é o elemento mais importante para uma boa relação entre professor e aluno, eis aí o caminho para que ocorra a verdadeira mediação de conhecimento que o professor deve realizar. Assim como o professor não aceita imposições, também o aluno não as aceitará, novos caminhos devem ser experimentados e argumentos mais consistentes devem ser aplicados. Sendo o professor, como ele mesmo se classifica, mais experiente e maduro, deve, então, fazer valer tal afirmação em benefício do ensino aprendido.

Mostrar caminhos é bem mais interessante que impor trilhos inalteráveis. Afinal vários caminhos levam ao mesmo lugar e, cabe ao professor, descobrir por qual caminho os alunos preferem seguir, ou melhor, qual deles têm menos pedras, o importante, nesse caso, é o professor ser uma bússola que os orienta quanto ao norte a ser atingido. O aluno, só pelo fato de sê-lo, já é contestador, característica inerente à fase, que, muitas vezes o faz contestar fatos incontestáveis. Em determinados casos não aceita a posição do professor, pois este não aceita a sua

realidade, a sua verdade. Vale lembrar ainda que uma sala de aula é composta por várias realidades, não só a do professor. Adentrar a realidade do aluno sem invadi-la, deslumbrar-se e aprender com ele coisas novas, é o primeiro passo para fazer com que ele aceite a realidade do professor e do componente curricular, isso o fará entender e, por fim, aprender. O aluno tem que se sentir parte integrante do aprendizado, porém não só como receptor, ele também quer ensinar algo e, certamente o professor tem algo a aprender com o aluno. Não pode existir um vácuo entre professor e aluno, pois será exatamente aí o campo da dificuldade. Neste espaço caberá ao professor preencher com a amizade que deve haver entre ambos, pois a relação de respeito assim se tornará mais latente, o aprendizado mais eficaz e a satisfação plena de ambos.

2.4 Escola, um ambiente de constante mudança

Se a escola da modernidade pautou sua atuação nas certezas e estabilidades de um projeto, precisará pautar sua atuação na construção de um ambiente capaz de possibilitar a permanente relativização das certezas – o que nada tem de irracional ou obscuro. A permanente relativização das certezas é a consequência natural de uma racionalidade fundada na comunicação e, portanto no fortalecimento da vida pública democrática.

Ao longo dos tempos muitos foram os que se empenharam em compreender o papel da escola na sociedade. Aventurando-nos em uma tentativa de síntese dos resultados de algumas dessas investigações, verificamos que, segundo pensadores da educação como DURKHEIM e GADOTTI (1997, p.50), a escola desempenhou basicamente três papéis distintos.

Inicialmente fora concebido como redentora, responsável por grandes transformações individuais e sociais, nessa concepção representou, não mais que isso, a salvação da classe dominada das garras exploradoras da classe dominante; com o passar dos anos essa condição passou a ser vista enquanto reprodutora das desigualdades sociais e da aceitação delas como uma espécie de predestinação.

Por último, a escola de hoje, que ao ser concebida como tão contraditória quanto o meio social em que está inserida, é capaz tanto de reproduzir quanto de transformar ao mesmo tempo.

Na perspectiva transformadora, a escola que antes se limitava a refletir/discutir temas estritamente ligados às disciplinas do currículo: matemática, português, geografia, história... Vê-se agora obrigada a abrir as portas (salas de aula) para temas cada vez mais ligados aos interesses da comunidade, mais especificamente de crianças, adolescentes, jovens e, por que não, adultos, alunos de nossas escolas. "O ambiente escolar deixa de ser o lugar privilegiado, de acesso à informação e ao conhecimento e passa a ser um espaço onde o aluno desenvolve a capacidade de inter-relacionar informações construindo e reconstruindo conhecimentos".

2.5 O papel da escola na formação do auto conceito

O desenvolvimento humano não está pautado somente em aspectos cognitivos, mas também e, principalmente, em aspectos afetivos. Assim, a sala de aula é um grande laboratório para que se observe e questione os motivos que levam o convívio escolar do professor e aluno, muitas vezes, a ficar desgastado e sem estímulo.

Sabe-se que o ser humano tem grande necessidade de ser ouvido, acolhido e valorizado contribuindo dessa forma para uma boa imagem de si mesmo. Neste sentido, a afetividade está intimamente ligada à construção da auto-estima. Sendo assim, sua importância em toda relação é fundamental para os sujeitos envolvidos. Logo, a relação entre professor e aluno, deve ser mais próxima possível, pautada em partilha de sentimentos e respeito mútuo das diferentes idéias.

Vale ressaltar que a tarefa de educar deveria ser, para a maioria das famílias e professores, uma função tão natural quanto respirar ou andar. No entanto, educar apresenta em suas ações familiares e educacionais, e dentro de teorias consideradas ideais, uma complexa tarefa a ser desempenhada.

O contato com diferentes grupos sociais possibilita a construção do auto conceito da pessoa. A família e outras pessoas que convivem com a criança, fazem

parte do seu primeiro grupo social representando neste momento, seu contato afetivo, que pode ser positivo ou negativo, influenciando no futuro desta criança. O auto-conceito que essa criança terá de si refletirá em suas ações e na forma como será tratada ou mesmo percebida pelos outros.

Quando a criança ingressa na escola e tem uma visão negativa de si, demonstra um comportamento diferente dos demais colegas como, agressividade ou apatia e, na maioria das vezes é considerado preguiçoso, desatento, irresponsável, ou seja, aluno-problema e, automaticamente, encaminhada pela professora ao Serviço de Orientação Educacional, pois seu desempenho escolar apresenta-se comprometido. Porém, a questão está relacionada a inúmeros fatores, inclusive, no auto-conceito que este aluno faz de si, quando não acredita no seu potencial de resolver situações desafiadoras e desanima no primeiro obstáculo que encontra.

Por isso, a escola deve propiciar melhores condições de aprendizagem, selecionando atividades e posturas necessárias, que promovam o resgate da auto-estima do aluno. O aspecto afetivo tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual. Ele pode acelerar ou diminuir o ritmo de desenvolvimento, e determinar sobre que conteúdos a atividade intelectual se concentrará e, na teoria de Piaget, o desenvolvimento intelectual é considerado como tendo dois componentes: um cognitivo e o outro afetivo que se desenvolvem paralelamente. Afeto inclui sentimentos, interesses, desejos, tendências, valores e emoções em geral.

O papel da escola enquanto relação professor/aluno, é de suma importância para que a formação da auto-estima seja pautada em segurança, autonomia de idéias, conceitos que o próprio aluno tenha de si e que contribuam para seu desempenho escolar e de sua vida como um todo.

A questão da afetividade e auto-estima é uma preocupação mundial. Todos os segmentos da sociedade têm essas abordagens em seus discursos e buscam práticas que possam condizer com o que acreditam verdadeiramente. A afetividade no trato com as pessoas é um pressuposto do que autores referem-se como o resgate a valores humanos esquecidos por nós que estamos envolvidos com a agitação do dia-a-dia.

“A relação professor e aluno deve ser baseada em afetividade e sinceridade, pois: Se um professor assume aulas para uma classe e crê que ela não aprenderá, então está certo e ela terá imensas dificuldades. Se ao invés disso, ele crê no desempenho da classe, ele conseguirá uma mudança, porque o cérebro humano é muito sensível a essa expectativa sobre desempenho.” (Antunes: 1996, p. 56).

Como se pode ver a escola, como parte integrante e fundamental em uma sociedade, não pode ficar alheia a esta busca. Entretanto, *apropria-se* de pensamentos de teóricos como WALLON, PIAGET e VYGOTSKY, para basear suas ações pedagógicas e transformar a relação professor e aluno em um momento mais rico no processo ensino-aprendizagem.

Tais conhecimentos perdem sua validade quando professores e técnicos não estão comprometidos com mudanças em suas idéias tradicionais ou posturas, que trazem ranços de práticas escolares que apenas depositam informações nos alunos, desconsiderando assim a afetividade no processo ensino-aprendizagem.

Diante disso, é preocupante o número de casos que mostram alunos envolvidos em agressões entre colegas ou discussões com professores, casos estes, que observados em sua essência, demonstram carência afetiva, demonstrando que o conceito que o aluno tem de si é negativo.

Sabe-se, no entanto, que a escola não é a solução para todas as dificuldades existentes do ser humano, porém, como órgão educacional que tem como uma de suas funções a formação do cidadão como sujeito construtor do seu contexto histórico, pode e deve contribuir para mudanças significativas na relação professor e aluno, pois, além da sala de aula que oferece conteúdos e provas, a afetividade está presente em cada ação e busca seu espaço no espelho que a turma repassa aos técnicos quando dispõem do diário de notas, conselho de classes, conselho escolar e tantos outros instrumentos e setores que retratam esta relação.

Por conseguinte, para a construção da auto-estima é necessário buscar a responsabilidade e não a culpa, criar um clima de confiança que faça com que a pessoa sinta-se genuinamente aceita, compreendida e respeitada, sentimentos que ajudam a trabalhar núcleos emocionais que bloqueiam condutas inadequadas. Os

educadores sabem que as crianças aprendem melhor quando estão satisfeitas com elas mesmas e que bons sentimentos são importantes.

No entanto, alguns professores desconhecem seu papel de espelho dentro de uma sala de aula, esquecendo que seus alunos os admiram e estão preocupados em ser iguais a eles, acabando por imitá-los em suas atitudes e até pensamentos. Se os professores percebessem essa imitação sem dúvida procurariam policiar suas palavras e posturas. Que maravilhoso seria se professores e alunos pudessem espelhar-se em fatos e pessoas positivas, que emanassem confiança, autonomia e sinceridade.

Esperam-se mudanças na educação a partir de conscientização de novas metodologias que insiram cada vez mais o aluno em uma vida escolar que retrate sua realidade e que busque a contextualização, porém, olhando-se de outro prisma, a solução para a educação pode estar no afeto. Afeto este que inclua, que proporcione crescimento e valorização do ser humano e reconhecimento pessoal como sujeito ativo na construção da história.

Mais do que aula, muitas vezes o aluno vai para a sala de aula em busca de respostas que esclareçam o seu verdadeiro papel na sociedade. Considera esta escola, como grupo social que pode contribuir para sua formação como cidadão e, na maioria das vezes, o professor não se preocupa com o tipo de aluno que está convivendo, muito menos, em estabelecer um vínculo afetivo mais forte nesta relação favorecendo atitudes positivas que favoreçam na formação da auto-estima do aluno.

Neste sentido, a emoção será compreendida dependendo da ativação ou redução da afetividade, no entanto, o autocontrole não é uma habilidade que se desenvolve naturalmente dada à maturação temporal da criança. Todas precisam de uma aprendizagem específica, pois uma relação é algo que se constrói dia-a-dia, no entendimento de si e do outro.

Por isso, é preciso que se tenha cuidado com as palavras escolhidas para a comunicação, levando em consideração o tom de voz que deve ser firme e não acusador e padrões de linguagem que encorajem a auto-avaliação e o auto monitoramento por parte da própria criança, fazendo com que ela aprenda a amar-se, conhecendo seus limites pedindo ajuda quando necessário.

2.6 A relação professor / aluno no processo de ensino e aprendizagem

O relacionamento humano é peça fundamental na realização comportamental e profissional. Desta forma, a análise dos relacionamentos entre professor/aluno envolve interesses e intenções, sendo esta interação o expoente das conseqüências, pois a educação é uma das fontes mais importantes do desenvolvimento comportamental e agregação de valores nos membros da espécie humana.

Neste sentido, a interação estabelecida caracteriza-se pela seleção de conteúdos, organização, sistematização didática para facilitar o aprendizado dos alunos e exposição onde o professor demonstrará seus conteúdos.

No entanto este paradigma deve ser quebrado, são preciso não limitar este estudo em relação comportamento do professor com resultados do aluno; devendo introduzir os processos construtivos como mediadores para superar as limitações do paradigma processo-produto.

O educador para pôr em prática o diálogo, não deve colocar-se na posição de detentor do saber, deve antes, colocar-se na posição de quem não sabe tudo, reconhecendo que mesmo um analfabeto é portador do conhecimento mais importante: o da vida. GADOTTI (1999, p. 2)

Desta maneira, o aprender se torna mais interessante quando o aluno se sente competente pelas atitudes e métodos de motivação em sala de aula. O prazer pelo aprender não é uma atividade que surge espontaneamente nos alunos, pois, não é uma tarefa que cumprem com satisfação, sendo em alguns casos encarada como obrigação. Para que isto possa ser melhor cultivado, o professor deve despertar a curiosidade dos alunos, acompanhando suas ações no desenvolver das atividades.

O professor não deve preocupar-se somente com o conhecimento através da absorção de informações, mas também pelo processo de construção da cidadania do aluno. Apesar de tal, para que isto ocorra, é necessária a conscientização do professor de que seu papel é de facilitador de aprendizagem, aberto às novas experiências, procurando compreender, numa relação empática, também os sentimentos e os problemas de seus alunos e tentar levá-los à auto-realização.

De modo concreto, não podemos pensar que a construção do conhecimento é entendida como individual. O conhecimento é produto da atividade e do conhecimento humano marcado social e culturalmente. O papel do professor consiste em agir com intermediário entre os conteúdos da aprendizagem e a atividade construtiva para assimilação.

O trabalho do professor em sala de aula, seu relacionamento com os alunos é expresso pela relação que ele tem com a sociedade e com cultura.

O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas". (FREIRE: 1996, p. 96).

A relação entre professor e aluno depende, fundamentalmente, do clima estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o seu conhecimento e o deles. Indica também, que o professor, educador da era industrial com raras exceções, deve buscar educar para as mudanças, para a autonomia, para a liberdade possível numa abordagem global, trabalhando o lado positivo dos alunos e para a formação de um cidadão consciente de seus deveres e de suas responsabilidades sociais.

A relação professor/aluno em sala de aula é um processo bastante complicado, pois existem nesse contexto diversos aspectos a serem analisados,

tendo em vista que, para um bom relacionamento entre ambos há necessidade de ir além de um simples relacionamento afetivo.

Em sala de aula, tanto professor, quanto o aluno devem estar aberto à interação, pois em todo relacionamento, a empatia é uma questão necessária e eficaz para que haja uma aproximação entre ambos. Assim, a relação professor/aluno pode apresentar diversos estilos, que proporcionam diversos tipos de interação. Vamos tentar analisar as duas principais relações usadas entre professores e alunos na sala de aula: relação de comunicação mais pessoal e relação de orientação própria ao estudo.

A relação de comunicação mais pessoal é reconhecer os êxitos, reforçar autoconfiança dos alunos, manter constantemente uma atitude de cordialidade e de respeito; isso sem esquecer que embora tenhamos que ter uma relação afetiva com nossos alunos, isso não significa dizer que tenhamos que ir à sala de aula para sermos humoristas e nem sermos carinhosos para que os alunos se sintam bem. Na verdade, se não houver uma relação didática eficaz não poderá haver relação professor/aluno.

Nessa perspectiva, a relação de orientação própria para o estudo entra no mérito do papel exercido pelo professor em sala de aula, cujo principal será criar e comunicar uma estrutura que facilite o aprendizado. Entende-se que numa relação professor/aluno em sala de aula, a afetividade não poderá ser eficaz se não houver de fato a competência da tarefa didática, por que então, a qualidade de ensino será prejudicada.

Entretanto, dois aspectos referentes à educação devem ser abordados, são eles: necessidades psicológicas e educativas. Por necessidades psicológicas entende-se por aquelas que os alunos interiorizam e que por muitas vezes são de uma certa forma imposta pelos padrões sociais, como o desejo de ascensão social, por exemplo, o qual exige para que isso seja possível, a apropriação dos moldes pré-estabelecidos como: passar de ano, tirar boas notas, ser o primeiro colocado nos processos seletivos, etc, os quais estão automaticamente nas necessidades educativas. Sendo que, o aluno ao ver suas necessidades psicológicas e educativas atendidas se automotiva.

O professor por sua vez tende a descobrir qual a melhor forma de abarcar essas necessidades sem prejuízo ao aprendizado. Assim, as três áreas de atuação

do professor são: relações inter-pessoais, estrutura de aprendizado e apoio da autonomia e do desenvolvimento integral do aluno.

Segundo Morales, as relações inter-pessoais são manifestadas de diversas formas, das quais: a dedicação de tempo à comunicação com os alunos, a manifestação de afeto e interesse pelos alunos, o elogio sincero, o interagir com os alunos com prazer, entre outros; o oposto se trata de rejeição. Ou seja, os alunos devem sentir que o professor se interessa por eles, assim os alunos devem sentir-se livres para errar e aprender com seus erros. O sentir-se livre se traduz aqui por ausência de medo, de angústia... Aprender com os próprios erros é importante para o crescimento pessoal, seja emocional, social ou cognitivo.

A estrutura de aprendizado se refere à qualidade e quantidade de informações que são repassadas aos alunos, para que se tenha eficácia neste aprendizado: as expectativas devem ser demonstradas, ajudar quando houver necessidade, sentir-se ao mesmo nível dos alunos, etc; o oposto é o caos. Nesse sentido, o professor deve entender que a informação é uma fonte de poder, por isso, nunca deve utilizar, por exemplo, a avaliação como arma de castigo, controle e autodefesa.

A autonomia do aluno está relacionada com a liberdade concedida no momento da aprendizagem, por isso não se deve utilizar pressões ou a garantia de prêmios àqueles que realizarem com afinco as atividades. Cabe nesse ponto, ao professor a dura tarefa de transformar sua aula em um campo motivado pelo prazer e pela paz. E isso ainda pode trazer mais lucros ao bom relacionamento não só do professor-aluno, como do próprio aluno com outro, no sentido de que estes conseqüentemente possam aprender a colaborar, a respeitar-se entre si quando trabalham em grupo ou em projetos cooperativos; podem aprender a apreciar outras culturas, a desenvolver-se bem na sociedade.

Morales, afirma que a forma de tratamento especial que o professor dispensa ao aluno escolhido, cujas expectativas são bastantes altas chama-se teoria do afeto/esforço. Essa teoria é traduzida através de uma mudança de valor, pela qual, o afeto que o professor dispensa ao aluno é demonstrado pelo aumento do agrado dispensado a este. Aí vem o item esforço, pois para o professor esse esforço vale a pena. Agora, se o esforço do professor é compensado pelo esforço do aluno, então a atitude do professor é reforçada; isso significa relações

recíprocas, o que é muito bom. Mas como todo processo desigual tem seu lado ruim, ou seja, contempla uns poucos em detrimento de muitos, esse inter-relacionamento termina muitas vezes discriminando aqueles que não conseguem acompanhar o ritmo dos bons, e terminam sentindo na pele a hostilidade por parte do professor.

Existe, a questão da expectativa que é uma coisa a ser analisada, pois da mesma forma que contribuimos com expectativas para o sucesso do aluno, estamos automaticamente contribuindo também para o fracasso. Embora o resultado da pesquisa tenha apontado que os professores, em sua maioria parece preconizar mais o fracasso dos maus alunos, que o sucesso dos bons. Isso se dá devido ao fato de que nós os professores, desenvolvemos a tal expectativa, que unidas às nossas condutas terminam contribuindo para o sucesso de uns e o fracasso de outros.

Resumindo o professor precisa na verdade de uma auto-avaliação, pois as nossas atitudes em sala de aula podem trazer sérias conseqüências para o alunado, porque enquanto dispensamos expectativas positivas para uns, e com isso dispensamos mais atenção, afeto e cuidado; para outros, em geral, desenvolvemos expectativas negativistas, as quais terminam prejudicando aqueles que deixamos de atender de forma afetuosa. Dentre os alunos excluídos podem estar àqueles ignorados, que na maioria das vezes nem são desinteressados, e sim, tímidos. É comum nessa situação ficarmos preocupados quando um aluno bom tira uma nota ruim, e incomodados com aqueles que são considerados maus tiram uma nota boa.

Essa situação analisada deixa claro que, o relacionamento afetivo em sala de aula é muito bom; porém, temos que ter muito cuidado em não utilizar desse subsídio para praticar a discriminação com nossos alunos. Devemos sim, usar de expectativa com todos, saber que se estão ali é porque estão em busca de algo, e esse algo, cabe a nós professores proporcionarmos a eles. Para isso, devemos dar-lhes condições para a inclusão social, através não só da própria afetividade (que ajuda muito do processo ensino-aprendizado), mas na condição de educadores, pela prática educativa, com criatividade, para que assim possamos desenvolver nosso papel de mediadores entre os conhecimentos e os nossos alunos.

2.7 Professor: agente da função social da escola

O homem desenvolveu uma série de mecanismos para suprir as suas necessidades de sobrevivência e convivência em grupo. Visto que as conquistas e o conhecimento adquirido não são transmitidos através da herança genética, os grupos humanos viram-se obrigados a colocar em prática, sistemas externos de transmissão do saber para as novas gerações. O papel da escola vai além da reprodução de idéias convencionais e deve sim amenizar as desigualdades sociais, capacitar todos os indivíduos de conhecimento e senso crítico para que possam inserir-se na sociedade em igualdade com os demais. A escola introduz idéias e conhecimentos que a sociedade adulta requer. Os alunos assimilam os conteúdos dos currículos escolares e das comunicações que se dão na aula.

Mais do que passar informação, a função educativa contemporânea deve provocar o encontro com situações vivenciáveis, pois esta é a melhor forma de aprendizagem permanente. A escola deve proporcionar a comparação aberta de idéias para estimular o pensamento crítico e a ação dos alunos, e cobrar a participação de todos de forma efetiva nas diferentes tarefas que se desenvolvem na aula e que constituem o modo de viver em comunidade. Para tanto se exige uma transformação das praticas pedagógicas e sociais assim como das funções e atribuições dos educadores.

Como atividade essencialmente criadora, a educação apresenta o escopo de guiar o homem no desenvolvimento dinâmico, no curso do qual se constituiria como pessoa humana, dotada de armas do conhecimento, do poder de julgar e das virtudes morais.

No contexto das dinâmicas sociais, a educação e a instituição de ensino, no papel de seus professores, devem apresentar um caráter crítico de elevação cultural do indivíduo e da sociedade.

Conhecer é apropriar-se intelectualmente de um dado campo de fatos, ou de idéias que constituem o saber estabelecido; pensar é enfrentar pela reflexão a capacidade de uma experiência nova cujo sentido ainda precisa ser

reformulado que precisa ser reproduzido pelo trabalho de reflexão, sem outras garantia senão o contato com a própria experiência".(CHAUÍ: 1998, p. 45)

É de suma importância que o professor, por maior que seja sua capacidade, seu conhecimento, sua formação, tenha consciência de que ele e seus alunos estão em locais, ângulos opostos: por outro lado, ele não deve se vangloriar desta hierarquia e muito menos de seu conhecimento. Para que haja uma boa convivência entre professor e aluno um bom diálogo é fator de essencialmente.

Na sociedade pós-moderna, esta nova visão social, as transformações estão acontecendo de forma ultra-rápida em todos os setores sociais. A presença das redes eletrônicas no processo de ensino e aprendizagem, este novo ambiente, nos faz pensar que a escola, forçosamente, está exigindo novos profissionais para a educação. O perfil vem se alterando porque a visão de mundo está mudando e os nossos professores estão, hoje, insatisfeitos, descontentes, ansiosos, pela não compreensão das novas necessidades sociais e do processo educacional. Ou seja, a sociedade mudou e a escola precisa mudar e os professores precisam saber que ser professor, hoje em dia, exige qualidades diferentes daquelas de vinte ou trinta anos atrás.

Não podemos pensar, nos dias atuais, que nossos alunos são menos inteligentes, responsáveis, mais imaturos ou menos preparados do que em outras épocas. O que temos de lembrar é que o paradigma de mundo está se alterando rapidamente e que as tecnologias têm contribuído para isto.

Os professores deverão valorizar mais os alunos, ou seja, ênfase no aluno e não na matéria como estamos fazendo. É importante citar que isto não significa dizer que o professor abandonará seus conteúdos, pois somente aqueles professores que alcançaram um alto grau de conhecimento sobre seus conteúdos é que são capazes de se libertarem dos mesmos, para efetivamente, dar atenção devida para as reais necessidades de seus alunos.

O professor deverá valorizar seu aluno permitindo que o mesmo avance em sua jornada do aprender, onde ele construa e reconstrua, elabore e reelabore seu conhecimento de acordo com sua habilidade e seu ritmo e, neste contexto, o uso das redes poderá ampliar e implementar o processo de ensino e aprendizagem.

Outro ponto a se considerar é a questão do professor como um transmissor de conhecimentos. A escola, na maioria das vezes, não oferece condições para o professor produzir seu conhecimento e, desta forma, ou o professor está na escola dando aula ou não está presente na instituição. “Uma boa estruturação é essencial na carreira do docente. A dinâmica de grupo e os debates constituem-se em eixos norteadores na resolução de problemas, já que se tratam de ferramentas que aproximam o educador e educando. (Ferreiro, 1982:12)” Como consequência, do fato do professor não ter tempo para elaborar seu material, acaba surgindo uma verdadeira cultura de livros didáticos e manuais com perguntas e respostas prontas que dispensam os mestres do ato de refletir e da produção do saber.

O professor através do uso das redes eletrônicas deve equilibrar os currículos e os procedimentos metodológicos com os estilos de aprendizagem dos alunos, encontrando um elo entre o processo cognitivo e emocional, bem como observar os modos de vida dos estudantes, buscando, principalmente nos conceitos de flexibilidade e diversidade, um canal direto com o mundo. Isso nos levará a uma ênfase maior na produção do conhecimento e não apenas na transmissão. O professor, usando as redes, poderá gerar e gerenciar uma grande quantidade de informação e conhecimento, trabalhando na pesquisa e na produção de novos conhecimentos.

O eixo será deslocado da atividade oral para as atividades de interação do aluno com o meio. Não é o discurso do professor que garante autenticidade ao conhecimento. O professor privilegiará as atividades de interação em laboratórios, visitas a museus, trabalho em grupo, projetos educativos, teatros, vídeos etc.

É através da prática colaborativa- interativa que o professor poderá tomar gosto pelo pesquisar e estudar e as redes eletrônicas proporcionam essas atividades colaborativas com pares distantes, em culturas diferentes e com diferenças étnicas. Isso é importante para que aluno e professor possam criar um bom entendimento dos fenômenos e, assim, a ênfase estará sobre a interação e não sobre a fala do professor.

Por fim o enfoque do professor estará centrado em ser aberto para aprender a cada momento, e não em ser correto. Ao professor caberá a tarefa de ensinar seus alunos tomar decisões neste mundo marcado pela pluralidade de informações. O certo ou errado numa época de tantas transformações, profundas mudanças,

acaba sendo uma questão de visão de mundo, porém, estar, ser aberto para aprender a cada momento da vida, saber ver, analisar, fazer perguntas, poder perceber que o conhecimento, cada vez mais, estará sujeito a transformações, será muito mais significativo neste novo contexto. O professor auxiliará o aluno na coleta da informação (das redes), na análise e na elaboração do conhecimento a partir dela e a ênfase não estará mais no certo ou errado, mas, em estar aberto para aprender.

2.8 O professor – gestor em seu momento

A vida escolar ganha sua alma e atratividade pela ação acolhedora, conciliadora e estimulante do professor-gestor, e por isso não se pode prescindir do seu parecer e da sua colaboração na implementação de um projeto como o que aqui proponho: uma atividade pedagógica com o objetivo de permitir aos alunos o auto – conhecimento e o bom relacionamento inter pessoal, visando simplesmente a que se tornem pessoas no inteiro sentido do conceito de pessoa humana. Gabriel Chalita escreve em seu livro, Educação: a solução esta no afeto.

“O papel do diretor de escola é o de líder. Tudo ficará mais fácil se ele permitir uma participação democrática dos outros sujeitos da educação na tomada de decisões, entre tanto é importante que se lembre: poder se delega, responsabilidade, não. Que o diretor nunca se esquive da responsabilidade de atuar como o gestor de seu ambiente de trabalho. Que ele saiba ouvir a comunidade interna e externa, que seja um observador de tudo que esta sendo realizado por seus concorrentes e não se encastele em sua sala aguardando a ocorrência dos problemas para servir de profeta do fato consumado. (p. 187).

A preocupação crescente com a mente humana, que além de haver dado novos rumos à psicoterapia, é também bastante capaz de dar a uma pessoa a

compreensão e até uma independência em relação a certas forças radicadas na química e nas estruturas cerebrais, que atuam sobre a vontade e podem levar o seu comportamento a contrariar suas aspirações e seus ideais.

Outro problema verificado no dia-a-dia escolar é a perda da noção dos valores básicos para viver em sociedade. Anos atrás, era um pressuposto que os valores morais seriam dados pela educação doméstica e religiosa.

Na educação não se age por agir, não se faz algo por fazer. Toda ação deve ser intencional. Tem por finalidade buscar alcançar determinados resultados referentes à aprendizagem ou mudanças de comportamentos. Como agente de ligação entre a escola e a família, o gestor manterá uma comunicação constante com a mesma, respeitando os seus valores e procurando obter sua colaboração, já que ambos têm por objetivo o bem-estar, o desenvolvimento e a formação do educando.

“Quando se projeta uma educação para o futuro, uma das idéias que se coloca sem muita discussão é que a atividade de pesquisa será um momento mais rico que a aula expositiva. O professor não será substituído, mas devesse mudar seu foco de atuação passando de mero facilitador do processo de transmissão do conhecimento para um interventor, um problematizador.” (Chalita: 2004, p. 66) .

O Gestor Escolar estará constantemente observando o rendimento dos alunos. É importante que os fatores, sócio – econômicos – culturais, ambiente escolar e familiar próprios; professores bem preparados e motivados; métodos de ensino e material didático (adequados) além de, por parte do aluno, assiduidade, adaptação à escola, disciplina, bons hábitos de estudo, condições físicas e psicológicas favoráveis e um bom relacionamento com professores e demais funcionários, bem como com os colegas, sejam levados em conta, pois favorecem o bom rendimento escolar.

A escola tem assumido cada vez mais, a responsabilidade pela educação integral do aluno. Tal objetivo não deixa de ser legítimo, pois o indivíduo que aprende é um ser complexo que se desenvolve não só no aspecto intelectual como também, e concomitante, no afetivo – emocional físico – motor, social, sexual,

vocacional, enfim, em todos os aspectos de sua personalidade. Por esta razão e também porque dificuldades ou problemas nestas áreas poderão afetar o rendimento escolar do educando, é que o professor desempenha papel fundamental no processo ensino aprendizagem, pois não é fácil nos primeiros anos da escola fundamental, criar condições para que os alunos construam conhecimento físico. Pôr isso é importante discutir alguns pontos que dizem respeito ao modo como o professor cria um ambiente propício ao desenvolvimento cognitivo e afetivo de seus alunos.

Mediante o contexto atual, verifica-se um grande processo conturbado, no âmbito da política, cultura, no social e educacional. Momentos de desencontros, desacertos, mas que nos quais emergem sinais de vida, ou seja, esperanças de mudanças, e ao serem destacadas as mudanças educacionais, observa-se à necessidade de refletir sobre o verdadeiro compromisso pôr parte do educador no relacionamento e aprendizado com o aluno, uma vez que ao assumir seu papel, deve fazê-lo com responsabilidade e veracidade.

A priori, falar em relação é falar em entrosamento, parceria, convivência a dois ou mais indivíduos. E a necessidade de viver em comunidade é natural do homem, embora cada um tenha sua personalidade, sua identidade, sua opinião, seu ponto de vista. Considerando esses aspectos podemos ressaltar dois tipos de grupos citados por FREIRE (apud GROSSI 1992, p.61): "Há dois tipos de grupos: primários e secundários". A família é um grupo primário. Secundários são grupos de trabalhos, estudos, instituições etc. A família (grupo primário) e as escolas, igrejas, clubes e outras instituições sociais (grupo secundários), com alguns objetivos afins, possuem pessoas de diferentes pensamentos e com diferentes papéis que convivem, tentando alcançar todas juntas determinadas metas.

Os professores constituem-se e identificam-se como tais a partir de suas relações com seus alunos, e estes pôr sua vez de igual forma. Uma vez que a escola é vista como ambiente destinado aos processos didáticos-pedagógicos, professores e alunos convivem cotidianamente pôr longos períodos, devendo existir entre eles relações humanas e proximidade pessoal.

Pode-se dizer que no relacionamento professor-aluno, querendo ou não, há troas de experiências e de conhecimentos, no qual o professor estando no lugar de quem deve ensinar, de transmitir conhecimentos, também aprende com a realidade

de cada aluno; e o aluno no lugar de quem recebe ensinamentos, também ensina e aprende, mesmo sem intencionalidade.

Há sempre uma circulação de conhecimentos formais e sistemáticos, de que os primeiros (professores) são titulares, como também de saberes da vida cotidiana, das formas e conteúdos culturais, de que os alunos são igualmente portadores.

Neste sentido percebe-se, entretanto, que há nestas trocas de conhecimentos relações ou conflitos, haja vista que professores e alunos estão ali em diferentes lugares e posições de poder, muitas vezes distanciado pela diferença de idade, de origem e posição social e até mesmo pela linguagem utilizada por ambos, e com isso os alunos acabam fechando-se entre si, não permitindo uma abertura para uma relação mais harmoniosa, causando desta forma um confronto no convívio escolar, no qual nas formas de relacionamento corre-se o risco de um comportamento autoritário do professor, estimulando os alunos a se afastarem dele.

É válido ressaltar a questão da participação em sala de aula, no qual o interesse dos alunos por aquilo que o professor está propondo, se torna uma realização deste professor, sentir que alguém se interessa por aquilo que ele um dia se interessou, e resolveu até dedicar a vida a isto. Muitas vezes, a não participação dos alunos em sala de aula é uma forma de boicotar o trabalho, pois não dão retorno, não ajudam o professor, a saber, o que está indo bem, se estão entendendo, se estão achando interessante ou não. Quando o aluno se posiciona em sala de aula, quando participa, inclusive para criticar, o professor sente que não está falando com as paredes, que não está sozinho.

Observa-se então que a relação de ambas as partes (professor-aluno) se fortifica mais ainda, a partir do momento que o educador valoriza seu educando e se conscientiza de que também é aprendiz, vai interagir melhor nessa relação, criando uma confiança por parte do educando, que por sua vez perderá o medo, a insegurança e falta de interesse, e parceria, o comungar das idéias, será relevante para que a aprendizagem aconteça com êxito. A interação entre professor e aluno é fundamental no processo ensino-aprendizagem. A manutenção de um clima afetivo é fundamental. Com ele o aluno se sente confiante e não temeroso diante do professor.

A relação assim é harmonia, acontecendo à descontração na aprendizagem; o aluno vai entender melhor o assunto dado pelo professor, tirando assim suas

dúvidas sem dificuldades na relação, havendo meios e expectativas na construção de um novo saber, em que o professor e os alunos participarão de uma verdadeira comunicação.

O professor refletindo sobre sua ação, busca um compromisso sério, pois envolverão ambos os partícipes do processo educacional: professor-aluno, não estando mais isolado um do outro. O educador passa a interagir com o aluno ao trazer deste para a sala, fazendo-o participar do contexto em que está inserido. E o que é mais significativo, a cada ensino-aprendizagem, deverá refletir sobre, para poder saber melhor agir, com seus alunos.

Com isto, FREIRE, ressalta sobre o verdadeiro compromisso como gesto solidário:

O verdadeiro compromisso que é sempre solidário, não pode reduzir-se jamais a gestos de falsa generosidade, nem tão pouco ser um ato unilateral, no qual quem se compromete é o sujeito ativo do trabalho, comprometido é aquele com quem se comprometeu e a incidência de seu compromisso que sendo encontro dinâmico de homens solidários ao alcançar aqueles com os quais se compromete, volta destes para ele, abraçando a todos num único gesto amoroso. FREIRE (1979, p.9)

1..9 A educação continuada como meio de enfrentar desafios

Entende-se hoje que cabe à escola e aos meios competentes, oferecer condições favoráveis para que o professor enfrente os desafios da sua profissão em condições favoráveis para que ele se transforme em um provocador, renovador, estimulador do saber de seus alunos, FREIRE (1975, p.67) afirma ... o educador já não é o que apenas educa mas o que, enquanto educa é educado, em diálogo o educando que ao ser educado, também educa. Ambos, assim se tornam sujeitos do processo em crescer juntos e em que argumentos de autoridade já não valem.

Nesse sentido a educação continuada constitui-se de um instrumento para que o professor possa interpretar melhor suas práticas relacionando-as com outras vivências redefinindo desta forma o seu papel como educador.

A educação continuada, na sua concepção evidencia a formação docente de um processo contínuo, apostando na valorização dos saberes e fazeres pedagógicos dos professores.

Na literatura atual sobre formação continuada de professores há uma preocupação em olhar para a vida e a pessoa do professor, ampliando os conceitos que se tem de formação, de modo a estimular que o professor reconheça e se aproprie de seus saberes. O professor não é apenas um técnico, mas uma pessoa inserida num contexto social e que carrega uma experiência vivida, a qual também, assume uma dimensão formadora.

Nessa tendência, cada escola é um produto da ação social de um coletivo em que os professores são parte fundamental, mas cuja transformação pressupõe a participação dos mesmos num processo que articule a pesquisa, a inovação e a formação. Muitos dos problemas que pode estar associados com a preparação de professores no atual momento apontam para a falta de uma teoria social adequada que possa fornecer uma fundamentação para se repensar a natureza política da atividade docente e o papel dos programas de formação de professores.

Entendemos que a formação continuada deve estimular uma perspectiva crítica - reflexiva, que possibilite ao professor os meios de pensamento autônomo. O professor é uma pessoa, e por isso, a necessidade de encontrar espaços de interação entre as dimensões pessoais, permitindo-lhe apropriar-se dos seus processos de formação e dar-lhes um sentido ao resgatar suas histórias de vida.

Qualificar os professores a partir da educação continuada é uma forma de oportunizar instrumentos para o professor enfrentar os desafios pertinentes ao ato de ensinar, ao mesmo tempo em que contribui para uma mudança significativa de atitude frente ao ensinar e aprender.

Para exercer com qualidade sua função social, a escola necessita de professores atualizados e preparados para refletir acerca das práticas pedagógicas, permitindo que as inovações, compartilhadas com seus pares, no

coletivo, se somem à formação docente. Fortalecido pelo grupo, o professor pode enfrentar os desafios, já que é no espaço da sala de aula que, de fato, se operam as transformações de caráter qualitativo.

1..10 O professor e as novas tecnologias

A preocupação maior da universidade tem sido com a formação inicial de professores. Concluída esta etapa, os alunos saem para o mundo do trabalho e, em geral em alguns anos de docência, os professores expressam uma sensação de abandono com relação a universidade que os formou e tendem a desqualificar importantes elementos de sua formação inicial, que não estaria adequados ao trabalho escolar cotidiano.

Como resultado entre a formação inicial e os problemas enfrentados pelos professores no exercício profissional acabam por se refletir em críticas às políticas educacionais que não atendem aos anseios dos professores no sentido de atualizá-los e adequá-los quanto à constantes transformações que acontecem diariamente no mundo.

Vivemos em uma sociedade da aprendizagem, na qual aprender constitui uma exigência social crescente que conduz a um paradoxo :cada vez se aprende mais e cada vez se fracassa mais na tentativa de aprender. Contudo, ao mesmo tempo em que esse fracasso escolar cresce, também podemos afirmar que o tempo dedicado a aprender estende-se e prolonga-se cada vez mais na história pessoal e social, ampliando a educação obrigatória, impondo uma aprendizagem ao longo de toda a vida.

Nunca houve tantas pessoas aprendendo tantas coisas ao mesmo tempo como em nossa sociedade atual – é a sociedade do conhecimento, da aprendizagem. Nesse contexto percebemos que a escola não é mais o único espaço onde se adquire o conhecimento, como o era até alguns anos atrás. Os alunos hoje tem acesso a todos os meios de comunicação disponíveis e, muitas vezes estão à frente do professor, principalmente no que diz respeito às tecnologias de informação. Se realmente acreditamos que é possível um outro mundo – e temos que acreditar nisso para desejá-lo – é preciso investir no conhecimento e, seguramente, na aprendizagem.

Uma das metas essenciais da educação, para poder atender às exigências dessa nova sociedade de aprendizagem é provocar nos alunos uma nova forma de aprender, porém, mudar a forma de aprender dos alunos requer também mudar a forma de ensinar de seus professores. Por isso, a nova cultura da aprendizagem exige um novo perfil de aluno e de professor, exige novas funções docentes e discentes, as quais só se tornarão possíveis se houver uma mudança de mentalidade, uma mudança nas concepções profundamente arraigadas de uns e de outros sobre a aprendizagem e o ensino para encarar essa nova cultura da aprendizagem .

Dominar as novas tecnologias de informação e comunicação é, para o professor um dos grandes desafios do momento no ensino-aprendizagem , como também para os gestores escolares, uma vez que a escola está despreparada fisicamente par tal e os professores também não estão capacitados para atuarem nessa área. Surge, então a educação continuada como uma alternativa para qualificar os docentes, habilitando-os a trabalhar com domínio e segurança com estas novas tecnologias.

3. METODOLOGIA

A metodologia é parte do trabalho que inclui as concepções teóricas de abordagem, as técnicas que possibilitam a construção da realidade e a criatividade do investigador (MINAYO,2001) .

É responsável por nortear o pesquisar rumo ao alcance dos seus objetivos, de um modo mais dinâmico, com economia de tempo e qualidade do que é produzido.

O método é o conjunto de procedimentos, não de até onde avançar, mas sim de como chegar até o local pretendido, desviando-se o mínimo possível e perdendo menos tempo e energia (TOBAR;YALOUR,2001).

3.1 Delineamento

Essa pesquisa é uma revisão teórica e bibliográfica sobre os constantes desafios que o professor enfrenta no desempenho diário de sua profissão.

Procurando investigar e entender os constantes desafios que o professor enfrenta na escola, optou-se pela pesquisa bibliográfica levando-se em consideração estudos já realizados nesta área, bem como a necessidade de compreender melhor como o professor pode e deve atuar nesta nova realidade de constante transformações do conhecimento e da sociedade globalizada .

CERVO E BERVIAN (1996,p.48) “ A pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos(...) busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema “.

O tema em questão foi pesquisado visto que no mundo atual, frente aos avanços que a escola enfrenta, felizmente muitos educadores não ficam de braços cruzados diante dessa problemática se empenhando em suprir esta carência. Esta pesquisa pretende aprofundar estudos sobre a escola pública e os desafios que o professor enfrenta no seu cotidiano pois, temos conseguidos alguns avanços na qualidade da educação, entretanto, ainda precisa ser feito muitos ajustes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos a necessidade de políticas educacionais consistentes e duradouras, que possam ser superiores aos modismos, a fim de possam ser fielmente cumpridos para proporcionar uma educação de qualidade a nossos

educandos. Será possível apontar as oportunidades que o futuro educador poderá ter, ao estudar e analisar a educação, a fim de poder em sua realidade educacional ser colaborador convicto de suas realizações através de suas ações. Esclarecerá as relações afetivas em sala de aula e colocará este relacionamento como um desafio para o educador, devendo este agir de forma que expresse o seu interesse pelo crescimento dos alunos, e assim respeitando suas individualidades, criando um ambiente mais agradável e propício para a aprendizagem. Muitos autores abordam tal problemática, como, Ferreira, Arroyo, Oliveira, Saviani e outros estudados, para o embasamento teórico dessa pesquisa.

O professor representa a tomada de consciência em relação aos aspectos sociais no cotidiano do educando. A escola tem como função, entre outras, formar pessoas competentes, solidárias, responsáveis e que sonhem. Ajudar o estudante nessa dialética e na realização do seu sonho é uma das tarefas mais importantes para a escola. Manter o foco no ser humano, não só nos alunos como principais clientes e público, mas também professores, coordenadores, famílias e toda a comunidade educativa. Prestar especial atenção à cultura organizacional como elemento compartilhado por todos os integrantes da instituição. É imprescindível a procura de uma filosofia de trabalho e valores com os quais todos se sintam comprometidos. Renovar a inovar buscando estratégias atuais que conduzam ao desenvolvimento e crescimento do estudante como pessoa responsável, ética e moral. Desenvolver atividades que proporcionem a vivência dos objetivos específicos do Projeto Político Pedagógico da Escola. Como consequência, propõe-se a revisão dos fins, processos, recursos e métodos educacionais, apontando falhas e acertos, determinando objetivos, definindo posturas e delineando políticas visando o redirecionamento da prática pedagógica, no propósito de construir um conhecimento voltado à concretização de um projeto político democrático, progressista e que busque o crescimento social de forma geral. Nas palavras de Schmitz (1984, p.35), *“a educação concreta do homem real está sujeita às influências das decisões políticas sobre este mesmo homem e sua educação”*.

Com os avanços tecnológicos atuais, a velocidade das informações do mundo globalizado e os conhecimentos que rapidamente são substituídos, a sociedade se transforma e o profissional da educação precisa estar sempre

atualizando seus conhecimentos e métodos de ensino, revendo e avaliando sua ação pedagógica e, através de uma educação continuada adquirir novos conhecimentos para oportunizar aos educandos melhores possibilidades de aprendizagem.

O mundo do século XXI será uma sociedade cada vez mais fundada no saber e o professor que tem um papel fundamental na educação não pode mais entrar em sala de aula somente com os conhecimentos adquiridos na universidade, pois os desafios que ele se depara na escola são de grande complexidade e que por isso exigem uma constante revisão e adequação de seus conhecimentos e métodos de ensino.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. Alfabetização Emocional. São Paulo: Terra, 1996.

- ARROYO**, Miguel. Educação e Cidadania. São Paulo: Cortez, 1995.
- CERVO**, Amado L.; **BERVIAN**, Pedro A. Metodologia Científica. 5.ed.São Paulo:McGraw-Hill,2002.
- CHALITA**, Gabriel. Educação: a solução esta no afeto. São Paulo: Gente, 2001.
- CHARLOT**, B. A Mistificação Pedagógica. Rio de Janeiro: zahar, 1979.
- CHAUÍ**, M. Ventos do progresso: a universidade administrada. In: Prado Jr. Descaminhos da Educação. São Paulo: Cortez 1998.
- DEMO**, Pedro. Participação é conquista: noções de política social participativa. São Paulo: Cortez: Autores.
- FERREIRA**, Nilda teves. Cidadania: uma questão para a educação. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- FREIRE**, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à pratica educativa. 12º ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).
- GADOTI**, Moacir & **ROMÃO**, José E. (org). Autonomia da escola: princípios e propostas. 2ª ed. São Paulo:
- OLIVEIRA**, Edina C. Perfácio. In: FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários a pratica educativa. 12ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- SAVIANI**, Demerval. Escola e democracia. 32ª ed. Campinas, SP: autores Associados, 1999.
- SCHMITZ**, Egídio F. O homem e sua educação: fundamentos de filosofia da educação. Porto Alegre: Sagra 1984. .